



Antonino Puglisi

DOUTOR EM
QUÍMICA.
TRABALHO
COMO
PESQUISADOR NA
ITÁLIA, REINO
UNIDO E
TURQUIA.
ATUALMENTE
REALIZA SUA
ATIVIDADE DE
PESQUISA JUNTO
À UNIVERSIDADE
DE BOKU DE
VIENA.

A ecologia integral como compromisso comum das Igrejas cristãs e das diversas religiões



INTRODUÇÃO

Há pouco mais de cinquenta anos pisamos na lua. O pouso na Lua em 20 de julho de 1969 permanecerá como um momento extraordinário e único na história da humanidade. Desde então, a humanidade experimentou mudanças enormes em todos os níveis. A população mundial mais que duplicou¹, e gigantescas massas da população se mudaram das áreas rurais para as urbanas. A duração média da vida aumentou consideravelmente para praticamente todas as populações do nosso planeta². Em poucas décadas, a humanidade produziu progressos científicos e tecnológicos extraordinários, que mudaram nosso estilo de vida para sempre, trazendo benefícios inegáveis. Ao mesmo tempo, porém, pela primeira vez na história da humanidade, a estabilidade da natureza e do planeta que nos hospeda tornou-se algo que não podemos mais dar como certo. O próprio projeto do nosso futuro tem uma das questões mais críticas na relação com a natureza, desafiando nossos modelos de desenvolvimento e nossa própria humanidade. Há muitas vezes que se elevaram nos últimos anos em apoio à proteção ambiental.

No que concerne à governança internacional, com a Agenda 2030 as Nações Unidas impulsionam a comunidade internacional a alcançar uma sustentabilidade ambiental por meio dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)³. Em 24 de maio de 2015, o papa Francisco lançou ao mundo sua segunda carta encíclica, *Laudato si'*: sobre o cuidado da nossa casa comum. Publicada estrategicamente pouco antes da COP21 em Paris, por meio dela o Papa se propõe a «especialmente entrar em diálogo com todos acerca da nossa casa comum» (LS 3). “Diálogo” e “casa comum” representam o binômio que parece atravessar todo o texto desse documento extraordinário, traçando um caminho pelo qual o pontífice convida a Igreja e toda a humanidade a empreender, «... antes que seja tarde» (LS 193). Um diálogo, ele especifica, «sobre a forma como estamos construindo o futuro do planeta», que define como urgente e que envolve todos «(...) porque o desafio ambiental que vivemos e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós» (LS 14). O papa Francisco sugere uma abordagem de ecologia integral destacando que o problema ecológico está profundamente entrelaçado com as questões econômicas, sociais e culturais, «para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres» (LS 49).

NATUREZA E RELIGIÃO

Com a *Laudato si'*, o papa Francisco lança um apelo explícito e sincero aos fiéis de todas as religiões, a fim de que se encontre entre eles uma nova aliança que preserve o futuro do nosso planeta. Ele observa que «a maior parte dos habitantes do planeta declara-se crente, e isto deveria levar as religiões a estabelecerem diálogo entre si, visando ao cuidado da natureza, à defesa dos pobres, à construção de uma trama de respeito e de fraternidade» (LS 201).

Mas qual é a contribuição específica que as religiões podem oferecer neste momento delicado e crucial da história? Embora o problema ecológico se configure aos nossos olhos principalmente como um problema da ciência e das sociedades tecnológicas, isso em sua raiz pode ser lido como uma questão espiritual e religiosa. E isso não simplesmente porque a fé não pode permanecer muda diante de uma

tal crise que afeta o futuro dos que têm uma fé religiosa, mas sim porque a crise ambiental parece ter suas raízes em uma visão religiosa distorcida da relação ser humano-natureza. Nesse sentido, o filósofo Michel Serres (1930-2019) contrasta fortemente a palavra "religião" com seu oposto etimológico "negligência", ou seja, "desleixo". Se de fato a "religio" tende a olhar com atenção, a cuidar e a considerar, a modernidade – ele afirma – «negligencia, absolutamente falando»⁴. Portanto, para Serres, a poluição nada mais é do que o ato pelo qual o ser humano se define como "separado" do mundo das relações, distanciando-se cada vez mais como um "ser conhecedor" dos "objetos conhecidos", definindo isso como uma característica fundamental da modernidade. Serres sugere como saída para essa crise a busca por valores como beleza e paz, que fundiriam como consequência um novo "contrato natural" entre os seres humanos e o mundo. As religiões, que se baseiam precisamente em valores elevados e espirituais como os sugeridos por Serres, podem e devem ter uma palavra significativa a dizer hoje sobre um assunto tão urgente e importante.

Ao lançar um apelo por uma aliança global das religiões sobre o meio ambiente, o papa Francisco está bem ciente de que, para a maioria das pessoas em nosso planeta, os valores espirituais e a religião são fundamentais na orientação do comportamento individual e comunitário. De fato, a encíclica encontrou muito eco no mundo religioso e fora dele e, após sua publicação, vários líderes religiosos foram inspirados a produzir declarações semelhantes, como a dos hindus⁵, budistas⁶, judeus⁷ e muçulmanos⁸. Nesse sentido, a *Laudato si'* configura-se como uma importante plataforma de encontro para o diálogo ecumênico e inter-religioso.

Dimensão ecumênica. Na encíclica, o papa Francisco declara abertamente que este documento faz parte de um caminho que outros líderes cristãos já trilham, especialmente sua santidade o patriarca ecumênico Bartolomeu (cf. LS 7-9). Significativa neste sentido é a presença do Metropolita John Zizioulas de Pérgamo, em nome do Patriarcado Ecumênico de Constantinopla, ao lado do cardeal Turkson na apresentação oficial da própria encíclica.

Em diálogo com o Islã. As referências ao Islã contidas na *Laudato si'* são talvez as mais surpreendentes e têm aquela significação típica dos gestos proféticos do papa Francisco. Na encíclica entrevemos pelo menos três pontos de encontro com o mundo muçulmano. Primeiro, a escolha linguística: o papa Francisco quis acrescentar o árabe à lista de línguas oficiais em que a encíclica foi publicada⁹. Um gesto muito significativo de abertura ao mundo islâmico e ao mundo de língua árabe em geral. Em segundo lugar, o momento: a encíclica, datada de 24 de maio de 2015, festa cristã de Pentecostes, foi na verdade apresentada em 18 de junho, dia de abertura do Ramadã muçulmano. Terceiro, referências explícitas ao Islã: pela primeira vez na história, há uma referência explícita na encíclica a um autor muçulmano (cf. LS 233, nota 159), citando o poeta e místico muçulmano Ali al-Khawwas.

O CAMINHO ECOLÓGICO DAS IGREJAS CRISTÃS

Para a Igreja Católica, a primeira e mais explícita referência à ecologia surge no pontificado do papa João Paulo II com a encíclica *Centesimus annus* (cf. 38-39). Posteriormente, com o papa Bento XVI na encíclica *Caritas in veritate* (cf. 51), fala-se de ecologia humana. Dentro da Igreja Católica é muito significativo o trabalho do Movimento Católico Global pelo Clima¹⁰ (GCCM), que inclui mais de setecentas organizações católicas e comunidades de base. Na esfera ecumênica, o Conselho Mundial de Igrejas (CMI) atua no campo ecológico há vários anos, com uma atenção especial à intersecção entre o cuidado da criação e justiça social. Mas a contribuição mais decisiva na esfera cristã vem das Igrejas orientais. Partindo do riquíssimo patrimônio teológico-espiritual da Igreja bizantina, o patriarca ecumênico Dimitrios I de Constantinopla, em 1989, estabelece 1º de setembro, início do ano litúrgico para a Igreja Ortodoxa, como "Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação". Posteriormente, em 2007, durante a terceira Assembleia Ecumênica Europeia, em Sibiu, na Romênia, esta data entra no chamado "Tempo da Criação", um período de oração e reflexão sobre a criação que agora é celebrado todos os anos a partir de 1º de setembro e que termina em 4 de outubro, festa de São Francisco.

Hoje, entre as vozes de maior autoridade no campo ecológico, encontramos a de sua santidade o patriarca ecumênico Bartolomeu. Conhecido mundialmente como “o patriarca verde”, há mais de três décadas está na vanguarda em promover a defesa do nosso planeta e do futuro da humanidade. Ele contribuiu talvez mais do que qualquer outro líder religioso para destacar o profundo valor teológico da natureza. Bartolomeu abordou a questão da crise ecológica não apenas por meio de encíclicas e pronunciamentos oficiais, mas também promoveu uma série de simpósios científicos ambientais, como o de Pasmos (1995), do Mar Negro (1997), ao longo do Danúbio (1999), Mar Adriático (2002), Mar Báltico (2003), Rio Amazonas (2006), Artico (2007), Rio Mississippi (2009) e, mais recentemente, o simpósio *Green Attica* na Grécia (2018). Mais recentemente, em sua mensagem para o Dia Mundial da Criação em 1º de setembro de 2020, ele destacou claramente o que está na raiz de um compromisso tão forte: «... reiteramos que as atividades ambientais do Patriarcado Ecumênico são uma extensão da sua autoconsciência eclesiológica e não constituem uma mera reação circunstancial a um fenômeno novo. A própria vida da Igreja é uma ecologia aplicada»¹¹.

UMA ALIANÇA RELIGIOSA GLOBAL PELO MEIO AMBIENTE

Em 12 de maio de 2020, durante um encontro organizado pelo Marrocos com as Nações Unidas, o secretário-geral da ONU, António Guterres, dirigiu-se aos líderes religiosos mundiais reunidos em videoconferência sobre o papel das religiões no enfrentamento do impacto da pandemia de Covid-19: «todos somos vulneráveis, e essa vulnerabilidade partilhada revela a nossa humanidade comum», acrescentando que a crise atual «desnuda a nossa responsabilidade de promover a solidariedade como fundamento da nossa resposta – uma solidariedade baseada nos direitos humanos e na dignidade humana de todos»¹². As Nações Unidas há muito reconhecem a importância das grandes religiões na formação do futuro da comunidade internacional com referência ao meio ambiente e a outros desafios globais, criando a United Nations Interagency Task Force on Religion and Development (Un-Iatf - Força-Tarefa Interagências das Nações Unidas sobre Religião e Desenvolvimento) em 2010 e, mais recentemente, o Multi-faith Advisory

Council (Mfac - Conselho Consultivo Multirreligioso) com o objetivo de fornecer orientação estratégica sobre a intersecção entre religião, desenvolvimento, direitos humanos e paz, com base na experiência das várias organizações baseadas na fé (Faith-Based Organisations - FBOs). Justamente nos últimos meses, o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Unep) lançou a iniciativa "Fé pela Terra", direcionada a fortalecer uma estratégia global de mobilização das diversas religiões para a implementação dos objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) da Agenda 2030.

O AMBIENTALISMO ISLÂMICO

De particular interesse nos últimos anos é o ativismo ambiental islâmico. A experiência religiosa muçulmana está profundamente enraizada na relação entre o fiel e a natureza¹³. Em 1986, durante o histórico encontro de Assis, foi promulgada a primeira Declaração Islâmica sobre a natureza, inaugurando um compromisso institucional do variado mundo islâmico em prol do meio ambiente¹⁴. Em agosto de 2015, realizou-se em Istambul o evento ecológico islâmico mais importante até hoje, o International Islamic Climate Change Symposium (Iiccs - Simpósio Internacional de Mudanças Climáticas Islâmicas) com o objetivo de abordar a questão ambiental a partir de uma perspectiva muçulmana global enraizada na moral e legislação islâmica. Após este evento, alguns ambientalistas muçulmanos redigiram uma Declaração Islâmica sobre Mudanças Climáticas¹⁵, resultado de uma longa consulta entre estudiosos islâmicos de várias correntes. O documento foi apoiado por várias personalidades do mundo muçulmano, incluindo o Grande Mufti da Uganda e do Líbano. Mais recentemente, em colaboração com a Unep, está sendo realizado o trabalho de elaboração de uma carta ambiental islâmica *Mizan* que tem por objetivo vincular as questões ambientais contemporâneas aos desafios sociais e econômicos a estes associados, de modo a oferecer à luz dos ensinamentos do Islã uma orientação prática a indivíduos, comunidades e instituições.

CONCLUSÕES

Hoje, todas as nossas esperanças sobre a questão ambiental parecem estar depositadas exclusivamente na ciência. Todavia, é claro que ela sozinha não pode resolver o problema ecológico. É necessário encontrar outras forças ao lado do intelecto humano para nos ajudar a decidir o caminho ao longo do qual queremos nos encaminhar como humanidade. É indispensável identificar e envolver outros atores ao lado de cientistas e instituições internacionais, para explicitar o poder da ciência no enfrentamento dos grandes desafios globais. É cada vez mais claro que um compromisso social duradouro e eficaz deve levar em conta cada vez mais as dimensões cultural, sociológica e religiosa¹⁶. Em particular, a atual crise ambiental demonstrou a eficácia com que as comunidades religiosas se mobilizaram para responder às mudanças climáticas. Para realizar uma verdadeira transição ecológica, portanto, é fundamental encontrar formas de motivar os indivíduos e as comunidades com base em seus valores fundamentais. As religiões, com sua ênfase na sabedoria, na coesão social e inter-relação, podem representar um ator estratégico para garantir o desenvolvimento humano integral efetivo. A este respeito, a *Laudato si'* nos oferece um caminho original e concreto que podemos percorrer. A visão sobre ecologia integral na qual a encíclica se inspira nos impele a afundar as raízes do nosso compromisso ecológico, que se transforma em oportunidade de encontro entre religiões. Em particular, a encíclica oferece um triplo convite às Igrejas cristãs e às várias religiões. Em primeiro lugar, leva-nos a considerar a natureza como portadora de um significado espiritual, sinal da presença de Deus e carregada de uma acepção metafísica que aponta para além de si mesma. Em segundo lugar, convida-nos a ver a criação como uma dádiva e, como tal, principalmente a criar uma relação, e não a ser consumida¹⁷. Enfim, exorta-nos a reconsiderar o papel dos seres humanos concebidos primariamente como seres em comunhão, capazes de se relacionar com o restante da criação.

Nessa perspectiva, a atual crise ecológica poderia ser relida como uma crise da nossa humanidade e da nossa espiritualidade. Com a *Laudato si'* desencadeou-se um processo importante, que visa precisamente à elaboração de um novo paradigma cultural, uma visão de mundo verdadeiramente renovada. Diante da realidade na qual

estamos imersos, com suas complexidades e crises, a encíclica nos lembra antes de tudo que «O mundo é algo mais do que um problema a ser resolvido; é um mistério gozoso que contemplamos na alegria e no louvor» (LS 12). A encíclica nos ajuda sobretudo a focalizar novamente a referência do cosmos a Deus e, portanto, a superar o dramático contraste “ser humano-natureza” para restabelecer uma relação triangular “ser humano-Deus-Natureza”. Somente dentro de tal lógica de comunhão a humanidade pode se libertar do risco do narcisismo antropológico excessivo e se orientar para algo maior do que ela mesma. Com isso, a *Laudato si'* também se torna uma proposta antropológica universal. No texto encontramos a palavra “amor” e seus sinônimos repetidos setenta vezes, indicando um caminho que todos nós podemos trilhar. Como Chiara Lubich intuiu em um momento particular de iluminação intelectual, «na terra tudo está em relação de amor com tudo: cada coisa com cada coisa. Mas é preciso ser o Amor para encontrar o fio de ouro entre os seres»¹⁸, a humanidade hoje parece ser chamada a recuperar precisamente a visão de “ser amor” para recobrar aquele olhar sobre si mesma e sobre o resto da criação, a fim de redescobrir o laço que une os seres entre si.

BIBLIOGRAFIA

C. Bals, *A successful provocation for a pluralistic global society. The encyclical Laudato Si' - A Magna Carta of integral ecology as a reaction to humanity's self-destructive course*, Germanwatch, Bonn 2016.

I.C. Bradley, *God is Green. Christianity and the Environment*, Darton, Longman and Todd, London 1990.

Cooper D.E. - J.A. Palmer, *Spirit of the environment. Religion, value and environmental concern*, Taylor & Francis, London 1998.

G. Keller, *Latin American and Ecumenical Insights in Laudato Si'*, in «The Ecumenical Review», 70 (2018/4), pp. 627-636.

I. Özdemir, *The ethical dimension of human attitude towards nature*, Insan, Istanbul 1997.

Papa Francesco, *Nostra Madre Terra. Una lettura cristiana della sfida dell'ambiente*, LEV, Città del Vaticano 2019.

Powell R., *Laudato si': Engaging Islamic Tradition and Implications for Legal Thought*, in «Seattle UL Rev.», 40 (2016), p. 1325.

Rondinara S., *Relazione persona-natura. Il recupero dei significati*, in «Nuova Umanità», 224 (2016), pp. 46-59.

–, *Natura e sapienza. Spunti sulla nozione di "natura" presenti in alcuni scritti di Chiara Lubich*, «Nuova Umanità», 207 (2013/3), pp. 283-295.

Shomali M., *Aspects of Environmental Ethics: An Islamic Perspective*, in «Thinking Faith», 11 novembre 2008.

Zizioulas I., *Il creato come eucaristia. Approccio teologico al problema dell'ecologia*, Qiqajon, Magnano 1994.

¹ <https://ourworldindata.org/world-population-growth> (consultato il 5 giugno 2021).

² <https://ourworldindata.org/life-expectancy> (consultato il 5 giugno 2021).

³ <https://www.un.org/sustainabledevelopment/development-agenda/> (consultato il 5 giugno 2021).

⁴ M. Serres, *The Natural Contract*, The University of Michigan Press, Ann Arbor 1995, p. 48.

⁵ Cf. <http://www.hinduclimatedeclaration2015.org/english> (consultato il 5 giugno 2021).

⁶ Cf. <https://oneearthsangha.org/articles/buddhist-declaration-on-climate-change/> (consultato il 5 giugno 2021).

⁷ Cf. <https://theshalomcenter.org/civicism/petition/sign?sid=17> (consultato il 5 giugno 2021).

⁸ Cf. <http://www.ifees.org.uk/declaration/> (consultato il 5 giugno 2021).

⁹ Cf. https://w2.vatican.va/content/francesco/ar/encyclicals/documents/pa-pa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html (consultato il 5 giugno 2021).

¹⁰ Cf. <https://catholicclimatemovement.global/> (consultato il 5 giugno 2021).

¹¹ <https://www.vaticannews.va/en/church/news/2020-09/bartholomew-i-message-for-world-day-of-creation-full-text.html> (consultato il 5 giugno 2021).

¹² A. Guterres, *The Role of Religious Leaders in Addressing the Multiple Challenges of COVID-19*, New York, 12 maggio 2020 <https://www.un.org/sg/en/content/sg/speeches/2020-05-12/remarks-role-of-religious-leaders-addressing-multi-ple-challenges-of-covid-19>.

¹³ Cf. A. Puglisi - J. Buitendag, *The religious vision of nature in the light of Laudato Si': An interreligious reading between Islam and Christianity*, «HTS Theological Studies», 76 (2020/1), pp. 1-10.

¹⁴ Cf. <https://www.silene.org/en/documentation-centre/declarations/the-muslim-declaration-on-nature> (consultato il 5 giugno 2021).

¹⁵ Cf. <https://unfccc.int/news/islamic-declaration-on-climate-change> (consultato il 5 giugno 2021).

¹⁶ P. McDonagh *et al.*, *On the Significance of Religion for Global Diplomacy*, Routledge, London-New York 2021.

¹⁷ Cf. M. Mauss, *The Gift. The form and reason for exchange in archaic societies*, Routledge, London-New York 2002.

¹⁸ C. Lubich, *Scritti Spirituali/1. L'attrattiva del tempo moderno*, Città Nuova, Roma 1997, p. 134.